

ECHO MUNICIPAL

ORGAN LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

PROPRIETARIOS—MOREIRA & SEIXAS. REACTOR—Manoel Saturnino de Seixas

ECHO MUNICIPAL

A' s. ex. o sr. Dr. Chefe de Policia da Provincia.

Na noite de 3 do corrente a nossa população foi testemunha dos factos mais escandalosos que, sob a egide protectora do sr. Dr. Chefe de Policia, pratica em pleno seculo XIX!

Parece incrível que aquelle que se achava com a jurisdicção da subdelegacia, sr. Joaquim José Rodrigues da Motta, houvesse dado origem aos factos que vamos denunciar.

Entretanto, o famigerado commandante policial que aqui temos, e cujos actos precedentes são já bem conhecidos do publico d'esta localidade e de Lorena; onde desautórizou a primeira autoridade de Cachoeira, o transeco commandante, dizemos, abusando do lugar que occupa, e da ascendencia que tem sobre os seus subalternos, dizendo-se autorisado pelo sr. subdelegado, então em exercicio, sr. Motta, tractou de atacar indistinctamente aos mais conspicuos, considerados e pacificos cidadãos d'esta localidade, que por forma alguma inspiram a mais pequena suspeita, com o fim, dizia, de revistal-os e desarmal-os!!

Conhecemos bem de perto o sr. Motta, e não o julgamos capaz de haver procedido com tamanha levandade dando tão arbitraria autorização a um individuo de tão pessimis precedentes como o é o famigerado commandante.

A maioria da nossa população foi victima dos furores bellicos do referido commandante, de tal maneira que ainda os mais pacificos cidadãos provocados pela policia estiveram talvez resolvidos a procurar vindicta na propria força e a esquecer-se da submissão á lei que nos rege, diante do inqualificavel procedimento da força publica capitaneada pelo seu commandante!

Em taes emergencias, sendo assustado o estado de exacerbação dos animos, achando-se ausente o sr. subdelegado, em sua fazenda a duas leguas d'aqui, incontinentem, o nosso amigo sr. Claudino de Almeida Palma, officiou aquella autoridade assumindo a jurisdicção da subdelegacia policial.

Ao sr. Claudino de Almeida Palma devemos tudo ter chegado á or-

dem, sem haver quasi nada a lamentar, a excepção de um pequeno tumulto havido as 11 horas da noite de 6 do corrente, e que, ao que nos consta ainda fôra provocado pela propria policia despeitada pela contra-ordem dada pelo circumspecto sr. Almeida Palma sobre a suspensão de revista indistincta de cidadãos insuspeitos.

A s. ex. o sr. Dr. Chefe de policia cabe ser informado d'estes attentos á lei e ás garantias do cidadão, e com a sua proverbial sabedoria, procurar remediar as criticas circumstancias de uma população inteira.

Será uma medida acertadissima recolher-se o desordeiro commandante á capital, onde ficará sob a immediata disciplina de seus superiores, que indubitavelmente terão mais de uma occasião de reconhecer praticamente o que avançamos, possuidos de justa indignação.

As nossas autoridades não vem ser as primeiras a secundarem-nos n'esta medida salvadora das garantias do cidadão, do respeito á lei e da tranquillidade publica.

Em seguida estampamos alguns documentos importantes de autorisados cidadãos que participaram das iras do sr. commandante.

Eil-os:

Attentado grave

Na noite de 3 do corrente das 8 para 9 horas retirando-me para casa, fui assaltado por tres insolentes policiaes que deliveram-me para me revistar! Debalde foi o meu protesto contra similhante brutalidade, apezar de ser reconhecido pelos proprios policiaes como cidadão pacifico e incapaz de trazer armas prohibidas, fui vencido pela força despotica; revistaram-me por ordem do sr. Subdelegado em exercicio, Joaquim da Motta!

Indignado contra uma ordem tão irregular, procurei o sr. Subdelegado para fazer valer os meus direitos, mas o sr. Subdelegado dá suas ordens disparatadas e retira-se para sua casa distante desta povoação duas leguas!

Segunda vez sou intimado para ser revistado, mas desta vez tive um companheiro tambem intimado, o sr. Antonio Alipio Franco, empregado publico de uma repartição Fiscal, e Eleitor da parochia!

Dirigimo-nos ao commandante do destacamento, e este em presença de trinta ou mais pessoas declarara que tinha ordem do sr. Motta para revistar indistinctamente a todos os cidadãos desta freguezia!!

De facto: quasi todos os cidadãos des-

ta freguezia tem sido revistados por ordem do sr. Motta!

Agora por minha vez revisto o sr. Subdelegado, não pela força bruta, nem pela illegalidade, e sim pela força moral, pelo direito e pela lei.

Onde, em que livro foi o sr. Subdelegado buscar essa lei de nova especie?! Saiba, sr. Motta, que a sua ordem é absurda, illegal, tyrannica e contraria aos bons costumes.

S. s. ignora que só podem ser revistados aquelles que são suspeitos á policia? Aceitai, sr. Motta, um conselho de amigo: applique a sua lei aos barbaros, porque os homens civilizados são regidos por uma Lei escripta.

O sr. Subdelegado não deve temer as armas prohibidas que trazem os cidadãos pacificos, e sim deve temer e muito as armas que s. s. não será capaz de nos tirar: são os direitos de S. Ex. o sr. Dr. Chefe de policia as ordens disparatadas de s. s.

Continuai, sr. Subdelegado, que em breve ser-lhe-ha levantada uma estatua, em signal de gratidão.

Avante!!

Cachoeira, 5 de Fevereiro de 79.
Aureliano Alzamora.

ONDE ESTAMOS?!!

No Brazil, paiz livre e constitucional, ou na Turquia? Onde está o respeito ao cidadão pacifico e reconhecido?

Em que artigo de lei se fundou o actual subdelegado Joaquim José Rodrigues da Motta, para ordenar á policia que revistasse indistinctamente a todas as pessoas que á noite transitão pelas ruas; quando nos parece que isto só se deve fazer aquelles que se tornam suspeitos á policia?

Não vê s. s. que é isto um acto vexatorio pelo qual não quer e nem deve passar um cidadão reconhecido, e pacifico como eu que em tempo algum me tornei suspeito?

Isto no seculo XIX—em pleno dominio liberal; é irrisorio!!

Cachoeira, 6 de Fevereiro de 1879.

Antonio Alipio Franco.

NOTICIARIO

Demonstração de apreço.—A 6 do corrente á tarde o nosso amigo sr. Claudino de A. Palma, foi alvo da mais significativa prova de consideração e estima em que é tido pela nossa população. Uma banda de musica precedida de subido numero de pessoas gradas da localidade dirigira-se á residencia do nosso amigo sr. Claudino, onde foram levantados pelo sr. Antonio A.

Franco e outros, expressivos e honrosos brindes em homenagem ao sr. Palma, como autoridade recta, integra e justa, cujos brindes foram freneticamente correspondidos por mais de 100 pessoas que alli se achavam então reunidas. Em seguida, o mesmo cavalheiro sr. A. Franco, como orador de uma commissão leal, em nome da população de S. Antonio da Cachoeira, a seguinte manifestação:

«Ilm. Sr. Claudino de A. Palma.

Os habitantes de S. Antonio da Cachoeira, veem á presença de V. S. manifestar o seu reconhecimento e gratidão pelos relevantes serviços prestados por V. S. como Subdelegado de Policia deste logar. Não é uma manifestação politica que viemos fazer-lhe; é sim um agradecimento ás suas maneiras de lidar e ao cumprimento de suas attribuições como Autoridade; é a gratidão de uma população inteira, que, a não ser a rectidão de V. S., seria victima de caprichos mal entendidos da parte do commandante da Policia. Aceite pois V. S. o nosso reconhecimento pelas suas acções meritorias. Cachoeira, 6 de Fevereiro de 79.» (Seguem-se vinte e tantas assignaturas.)

De nossa parte acompanhamos a briosa população na sua bem entendida expansão. Ao passarem em frente da nossa officina typographica aquelles illustres cavalheiros precedidos da banda de musica fizeram-nos a honra de parar alli, e n'esse interim o sr. Antonio A. Franco honrou-nos com um brinde dirigido á redacção do ECHO MUNICIPAL. Correspondendo á saudação, mal podemos manifestar-lhe, e á illustre população de Cachoeira a nossa gratidão, visto como sentiamo-nos então incommodado de saúde, e por isso quasi impossibilitado de exprimir-nos convenientemente.

Balsa.—Com prazer estámpamos em seguida a integra do horario da balsa que nos dá passagem sobre o Parahyba, cujo horario nos fora obsequiosamente enviado pelo sr. Administrador do registro do salto.

Do cavalheirismo e extrema cortezia do sr. Administrador não esperavamos outro procedimento.

Agradecemos-lhe a delicadeza.

Horario da Barca.

Dará passagem sem interrupção,

desde ás cinco horas da manhã até ás nove horas da tarde.

Qualquer passageiro que não seja convenientemente atendido nas bo-
ras marcadas, ou que não lhe sejam
prestadas as atenções de civilidade
pelos encarregados desse serviço,
tenham abondade de entender-se com
o Administrador, que, sendo justa a
reclamação, procurará promover os
meios, afim de que não sejam repe-
tidos os abusos.

Registro do Salto na Cachoeira, 2
de Fevereiro de 1879.

O Administrador;
Jayme Antonio da Costa.

Serviço postal.—Somos
extremamente gratos ao digno sr. Agen-
te da estação da E. F. n'esta fre-
guesia, sr. José A. Teixeira Tostes,
que, com a consideração e a re-
clamação que fizemos no prece-
dente n.º desta folha, sobre irregu-
laridades havidas no recebimento
do nosso periódico, dignos-sejard-
nos as explicações abaixo.

Agradecemos ao sr. Agente a ur-
banidade com que nos responde e
folgaremos sobre-modo que o nosso
ilustrado collega da redacção do
Journal da Tarde fique satisfeito
com as explicações dadas pelo sr.
Agente Tostes, como acontece de
nossa parte.

« Ilmo. Sr. Redactor do Echo
Municipal.

Recebi a vossa carta de 26 de
Janeiro, ter a Redacção do Journal
da Tarde recebido o Echo Municipal
de 22 de Dezembro.

A segurança, com que procedo ha-
bilitam-me a estar sempre prompto a
dar qualquer informação e escla-
recimentos em relação ao desempe-
nho do publico serviço, na parte
que me cabe.

A disposição de V. aquem con-
vido a vir examinar, fica em meu
escritorio o talão da corresponden-
cia expedida em Dezembro, a onde
V. encontrará a sahida d'aquel-
la sua folha para a Corte e S. Pau-
lo em 23 da mesmo mez.

Como V. sabe, a ordem regular
do serviço postal está dependente da
marcha regular de serviços estra-
nhos, com especialidade n'esta pro-
vincia que, pelo seu estado de adi-
antamento, permite-se ser o trans-
porte de malas effectuado por in-
termedio das estradas de ferro,
cuja interrupção de tráfego, acarreta
para o serviço postal a accumu-
lação de expedientes, e d'ahi provem
a irregularidade na distribuição
de correspondencia.

Agradecendo a V. a amabilidade
com que se digna tratar-me, assig-
no-me

Da V. Am.º att.º v.º

José A. Teixeira Tostes.

Cachoeira, 5 de Fevereiro de
1879.

Hospede.—Acha-se entre nós ho-
pedado na casa commercial dos snrs. Mon-
teiro & Lobo o intelligente moço Senr.
Luciano Augusto Paz Pereira que fez estam-
par nas columnas da Gazeta de Lorena,
os frutos de sua esclarecida intelligencia.
Cumprimentamos ao digno hospede.

Obito.—E' com profundo pesar
que recebemos a infausta noticia de
haver fallecido na corte no dia 3 do
corrente o nosso prestimoso amigo
sr. José Domiciano P. da Incrinação,
victima de febre amarella.

O fallecido havia emprendido
viagem ao Rio com o fim de submet-
ter-se a uma grave operação no ca-
nal uretrico, de antigo estreitamento
que soffria, de que, ao que nos infor-
mam, ia-se restabelecendo, quando
foi victima da cruel enfermidade que
o levou ao tumulo.

Deixa o finado um grande vacuo
na sociedade de que era um dos me-
lhores membros; e a Villa do Cru-
zeiro, de onde era filho, lamenta com
justos motivos o desaparecimento de
um dos seus mais prestativos ha-
bitantes.

A illustre familia do finado, acom-
panhamos na justa dor que a oppri-
me.

Manifestação.—Do Reporter de 6

do audientes.
Grande numero de amigos e cidadãos
pertencentes a todas as classes sociais
improvisadamente fizeram bontem uma ex-
plendida manifestação ao Bent. Saldaña
Marinho, felicitando-o pelo reconhecimento
do seu direito como representante do A-
mazonas.

A casa do illustre cidadão encheu-se de
povo que ali fôra com uma banda de
musica, para saudalo.
Recitados todos com a maior cordialida-
de foram por essa occasião pronunciados
varios discursos importantes de que não
temos a honra de publicar a noticia na tem-
poraria adiantada da noite.

**Movimento d'esta Paro-
chia.**—Como promettemos em o
n.º 24 d'este jornal, encetamos hoje
a publicação do movimento mensal
d'esta parochia.

**Baptizados no mez de Janeiro do
corrente anno.**

Dia 6—Orithia filha de F. Brano
de Godoy, e Eulalia A. Barboza.

« 12—Léoncio filho de Candido
Pinto Barboza e Antonia Candida de
S. Anna.

« 20—Sebastião, filho de Jayme
A. da Costa, e Eliza T. Penna da
Costa.

« 26—Barbara, filha de Antonio L.
dos Santos, e de Maria R. de Jezus.

« 31—Marcia, filha de Christiano
R. de Oliveira, e de Maria Josepha.

Obitos no mesmo mez e anno

Dia 10—Catharina, ingenua, filha
de Helena, escrava do Major Laurin-
do Penna, idade 11 mezes, fallecida
de inflamação de intestinos.

« 21—Antonio, idade 9 dias, filho
de Mariana Francisco, fallecido de
Sarampo.

« 23—Antonio Roiz, idade 70 annos
fallecido de hydropesia.

« 23—Cornellio, idade 10 dias,
filho de Henrique P. Pinto, e de
Francisca Soares de Abreu, fallecido
de molestia desconhecida.

« 23—Antonio, idade 45 dias, filho
de Daniel Roiz, e Maria Fabianna,
fallecido de Sarampo.

« 26—Luiz, idade 13 annos fi-
lho de José Alves da Silva e de Do-
rthea Maria, fallecido d'obstrucção.

« 31—Frederico, idade 4 mezes,
filho do Ambrozina, fallecido de co-
queluxe.

Missa.— Amanhã ás 8 horas do dia
na matriz de S. Antonio d'esta freguezia ce-
lebrar-se-ha uma missa de 7.º dia que,
pelo eterno descanço da alma do finado sr.
José D. Ferreira da Incrinação—mandam
celebrar o sr. Bento Ortiz, sua senhora
e filha.

Variedades

« O amor passa »

De todas as paixões, a que mais
influencia exerce na natureza, hu-
mana, é sem duvida o amor.

Nascido da impressão de mo-
mento e da sympathia, o amor tem
a sua existencia ephemera.

Tudo na vida é sujeito á modifi-
cações.

Os sentimentos que tem o caracte-
ter da violencia, e a que chamamos
paixões, enfraquecem-se tanto mais
de pressa, quanto maior é a sua en-
tensidade.

Mais de uma vez, escriptores ce-
lebres tem trazido, como modelo
de amor, amantes que sacrificariam
tudo que tivessem de mais chãro,
a vida; sim, até a vida, commet-
tendo a louca infracção de disporem
do que lhes não pertence.

Mais de uma vez tem-se fallado
de Tasso, de Petrarca, de Abbeilard
e até de Henrique IV.

E, pôdem elles, por ventura, ser
considerados symbolos verdadeiros

Tasso amou apaixonadamente, e
Leonor pouco tempo correspondeu ao
amor de seu amante, cujo peito ar-
dia incessantemente até o momento
de possuil-a. E Leonor bem de pre-
sa expirou aos golpes do punhal
do esposo irritado.

Petrarcha, desdenhando sempre,
jamais conseguiu de Laura, á pezar
dos seus suspiros e lamentos,—a
mão de esposa.

Abbeilard, não teria talvez con-
servado sua fidelidade a Heloiss,
si a morte, dada por Fulbert não
houvesse tão cedo cortado o fio da
sua existencia.

Henrique IV, amou apaixonada-
mente a encantadora Gabriella;
mas é certo que, mesmo durante
a vida de sua amante, teve elle ou-
tros amôres.

Bella-Aurora, 12 de Março de
1870.

CHARADA (ACROSTICO)

Sou mui preciso á saúde . . . 2
Das damas todas me tem . . . 1
Nda esta preposição . . . 1
Nulo não sou veja bem;
Ah! mas sou bonita flor
sem mentir caro leitor.

Cruzeiro, Janeiro 1879.

E. C.

Correspondencia do Echo

Lorena, [2 de Fevereiro de 1879.

Redactor Amigo.

A chuva, o sol, o calor e tantos
outros beneficios que devemos ao nos-
so bom Deus tem sido para mim

verdadeiras contrariedades.

Detido em casa, sem poder ir ás
minhas costumadas observações,
quasi que ia me fazendo uma cousa
inactiva, descuidosa e inerte, como
tem sido a nossa muito respeitavel
policia local.

Com tudo, não me deixei ficar na
pasmaceira do gabinete, que parece
ser um dos bons attributos do nosso
zangadinho Redactor da Gazeta: fiz
alguma cousa.

Em primeiro logar, tive occasião
de apreciar o italico estro poetico
do nosso Italiano P.º Conductor, que
pretende com seus escriptos ofus-
car o brilho da luzida constellação
litteraria d'esta boa terra.

S. Rvma. é poeta e não menos
inferior prosador, á julgar-se pelas
duas cartas que já deu á luz da pu-
blicidade, e que podem rivalisar
com as celebres cartas de Madame de
Sevigné.

(Deixe passar esse nome francez:
garanto-lhe que ha de ser o ultimo,
porque não me quero comprometter.)

Prosador, sua Rvma. escreve car-
tas em portuguez (verdadeiras epis-
tolas); poeta, não deixa nada á de-
sejar, escrevendo versos nessa lingua
que fallarão Metastasio, Petrarca e
Manzoni.

Tenho diante de meus olhos
a poesia que S. Rvma. publicou na
Gazeta de domingo (perdoe-me a
collega, se menciono aqui seu nome).

E' bonita, interessante, triste e es-
cripta em estylo de já bordão; tem
certo quê de mortuario e celestia-
l que por certo encantará o nosso li-
terato collega, autor dos folhetins
litterarios.

Mas, ápezar de todo isso, é for-
çoso confessar que S. Rvma. não
é lá muito forte em metrificacão; por
que na sua poesia, escripta em Itali-
ano, um pouco portuguezado, ha
muitos versos de pé quebrado.

A unica estancia que me chamou
a attenção, por sua incontestavel
beleza, foi a que começa por estas
palavras:

Ei fu diranno i posteri
L'uom di virtudi adorno;
Che a coronar suo merito!
Dio gio-muto soggiorno!

& &

Que quer dizer em lingua de
branco.

Foi elle (dirão vindouros)
O homem cheio de virtudes,
Que p'ra coroar seu merito
Deus lhe mudou a existencia.

Essa mesma tem o seu senão; e
devo mesmo confessar-lhe que o
mimoso emulo de Petrarca e Tor-
quato Tasso não é muito forte em
Grammatica Italiana.

Si pudesse dar-lhe um conselho,
diríamos á S. Rvma. que, quando
escrever alguma cousa em Italiano,
arranje primeiro um bom traductor,
da força do litterato autor dos folhe-
tins litterarios.

—Depois da estrêa (entre nós)
do mavioso poeta de habitos talarés,
annunciamos a colleguinha (o pe-
ço que me desculpe, collega:) o ma-
vioso trabalho de um novel poeta.

Não li ainda o volume de poesias

do sr. João Godoy, por isso nada direi a esse respeito; porém, é meu dever não deixar passar despercebido o succulento noticiário da Gazeta (desculpe-me a collega se declino seu nome).

A collega é bem pandega: aproveitou-se da occasião para nos dar uma catarada!

Julgava eu que era inconveniente e mesmo descortez aproveitar-se de uma occasião em que se discute cousa seria para dizer palavras um tanto pueris.

O nosso collega, porém, veio nos dar esse bom exemplo.

Tendo de recomendar a seus leitores um poeta novel muito se devia esperar do bom-senso, da illustração e intelligencia de um noticiário modelo.

No entretanto, assim não succedeu: o nosso collega, que não tem uma penna immunda, compromettou-se redondamente.

A'que propozinha ali aquelle Zoilo, de quem diz elle: « lembre-se que foi o mais bello poema de Homero que criou Zoilo »?

Porque disse o collega aquellas memoráveis palavras: « não esmoreça ante a critica maliciosa: não lhe paralizem os nobres arrojos do talento o dente envenenado da inveja »?

Tenho certeza de que o nobre Redactor não ha de crer que nós tenhamos inveja do seu talento, dos seus escriptos e de sua intelligencia: a inveja é um peccado mortal!

Alem disso, tenho intima convicção de que ninguém lhe invejára cousa alguma.

Realmente, onde encontrar-se essas bellezas litterarias que poderão excitar a inveja?...

Nessas poucas palavras transcrip-tas, quanta puerilidade, quanto erro!

Um poema de Homero que criou Zoilo?... paralizem os nobres arroj-os do talento o dente envenenado da inveja!... a nossa pensionada vi-da!...

Com quem concorda o verbo paralizem? Com arrojos nobres, ou com o dente envenenado?...

Decididamente, o nosso collega tem fortes motivos para dizer que a minha penna é immunda!

— Porém, se assim é, não deixaremos em paz os artigos da Gazeta (perdão, collega!) ; já que a nossa penna é immunda.

O nosso collega, que desta vez não quiz bolar, artigo de fundo de sua lavra, é noticiário modelo.

Todas as vezes que dá uma noticia, termina-a de uma maneira bastante original.

Vejamos:

A felicidade adejei-lhes por sobre o lar domestico.

Haia vista á nossa Idilidade.

Alem! poeta: caminhae alem!

Desejamos feliz carreira ao col-lega nocturno.

Obrigado Angelo Agostini.

Ora, meu caro amigo, ninguém dirá que não é esse um bom sys-tema de noticias!

—Para mim é que as cousas não tem corrido bem!

Ha por aqui muita gente zan-

gada e furriose, que diz do Echo o que Mafoma não disse do touci-nho!

O primeiro, que honron a nossa correspondencia chamando-a pas-sagem, foi um celebre senhor de al-tos couthurnos que, dizendo-se com-pridor da Lei, quer Deus p'ra si o diabo para os outros; á este se-guiu-se uma boa chusma de amigos, occupando as primeiras fileiras os seguintes:

1.º—O Redactor da Gazeta (per-doe-nos a collega), que disse em uma das esquinas do Largo Imperi-al que a minha penna era immunda;

2.º—O sr. José Victorino, Escrivão de Paz, Guarda-Livros do amigo T, que não tendo o que escrever em seu Cartório, converteu-se em repetidor das descomposturas alhei-as;

3.º—O nosso impagavel viuvinho de 30 dias, que anda verdadeira-mente furriose commigo.

Alem d'esta gente que fazem-nos a guerra, ha tambem alguns assign-nantes que se vão retirar do Echo.

Esses typos gostam muito, quando divertto-me com os outros, pondo p'ra fora certos podres, mas com elles... isso não!

Ao menos, caro Redactor, uma cousa contenta-me: tenho dito a verdade!

—Que o diga a Camara Muni-cipal da terra, que, na opinião do nosso collega, deve illuminar as Ruas á Luz-Globo.

A Camara até então passava por uma santinha; mas hoje graças á briga travada entre seus membros acabou-se a santariedade!

Não ha quem não deixe da con-fessar que ella tem sido bem pan-dega.

Não ha edificio publico em que ella tenha posto a mão que não resinta-se da sua pasmaceira-mór.

A Cadeia nóva, o Chafariz sem agua, o Mercado, as ruas, são a mais solenne manifestação da vo-lubilidad municipal.

A Camara, antes de acabar uma obra, começa logo outra, e depois outra e mais!

Com que fim? Encher a barriga dos contractadores e dos amigos.

Por exemplo: aquelle celebre aterrado no fim da Rua Direita, a onde se gastou dinheiro para tornar a antiga rua em circumstancias peiores para os transeuntes.

—Não fica nisto somente, ha cou-sas mais interessantes.

Um celeberrimo pedregulho per-to da Ponte do Parahyba, onde se gastou bons pares de contos de reis, está como cousa que não hou-vesse.

Ha dias, ouvi dizer isto á um camarista: Que caso pedregulho!

—Não tenho politica; não pactuo com o conservador-mirim, nem com o liberal-quassú; mas pergun-tarei ao nosso homem do Lei a ra-zão pela qual demittio do cargo de porta-malas um mogo de boas qua-lidades, filho de um seu correligio-nario politico que muitos ser-viços reaes prestou á seu partido.

Seria para empolgar mais esse emprego; ou seria patota dos che-fes liberaes da terra?

Desejo explicações para fazer me-us comentarios.

—Assim como não sou conserva-dor, como já asseverou o furriose homem do Lei, não posso de fórma alguma concordar com o Redactor Principal, quando disse que, um

nosso amigo foi posto p'ra fóra da Redacção do primeiro Periodico.

E, falso, é falsissimo; e eston ha-bilitado á declarar (e mesmo heide provar que a retirada d'aquelle amigo foi causada pela descortezia, incivildade, grosseria e contra-senso da Redacção da Gazeta e da Associação comanditaria.

Domingo, voltarei ao assumpto.

—Desejava continuar na analysé do celebre artigo de fundo, palavra por palavra; mas, escasseando-me o tempo havendo cousa mais mo-derna, fiquem, para o outro nume-ro.

Eis, caro amigo, a novidade do noticiário de domingo:

« Alem da costumada veurce Bor-dallo Pinheiro estampa um bello re-trato do conselheiro José Bonifacio, que está muito fiel.

Diz-se que o nosso collega não reflecte quando escreve: eis ahí a prova. Se me fosse licito, pergun-taria ao noticiário da Gazeta em que diabo do Dicionario Francez encontrou a palavra—Veurce?

Veres é francez; mas veurce?... só poderá ser francez do sr. Cardim da Rozeira.

Assim como o collega nos diz que o retrato do Conselheiro está muito fiel, assim tambem deverá dizer que os seus Typographos lhe foram mu-lto fieis.

Seu correspondente e amigo,
Quim Pedro.

A PEDIDOS

Villa do Cruzeiro.

Questão Tristãozinho

Em um dos meus artigos sobre esta questão que procurei desen-volver no Echo Municipal, se não me fal-ha a memoria, avancei entre outras, a seguinte proposição:

Não contesto as boas qualidades que possui o sr. vereador Fleming, antes as reconheço, e tanto mais d'isso evidentes provas, quanto á certo que cavalheirescamente já em parte con-cordou com migo na questão que se prende a esta, no que lhe diz respeito, e estou certo que mais tarde convirá e estou certo que l'hoje realmente as-sessor na sessão de 29 de Outubro de 1878.

Aguardo apenas alguns documen-tos para chegarmos a evidencia d'este facto, etc.

E' justamente o que ora pretendo fazer, submettendo a apreciação do publico sensato e de meus amigos, os documentos em seguida estampa-dos, em vista dos quibus, parece fi-car bem patente (e dar-se credito ao actual secretario da Camara Jo Cruzeiro), que de facto o sr. Tris-tãozinho influio no animo do sr. ve-reador Francisco J. Gomes Serrapiao Junior, e Francisco de Godoy Fleming, quando em sessão de 29 de Outubro, quando aquelles vereadores as indicações a que me tenho ma-i-a de uma vez referido o que são de sobrejo nossas conhecidas.

Ilm. Sr. Bento José Lavra
S. Casa, 19 de 10br.º de 1878.
Amigo & Sr.]

Rogo-lhe o obsequio res-ponder-me a baixo desta se é exácto que o Sr. Bernardino Monteiro de Brito, re-velou a V. S.ª, que o Sr. Tristão G. Pe-reira interveio na sessão da Camara Mu-nicipal da Villa do Cruzeiro, no dia 29 de Outubro do corrente anno.

Digne-se V. S.ª responder-me conce-

dendo-me permissão para da sua resposta fazer o uso que me convier.

Son com estima
D. V. S.ª Obr.º Cr.º
João Rodrigues Corr.º

Ilm.º Sr.
Em resposta ao conteúdo da carta supra, declaro a V. S.ª que é exácto, ter o Sr. Bernardino Monteiro de Brito, de-clorado, em conversação, que appareci, ter o Sr. Tristão Gonçalves Pereira as-sessorado, a sessão do dia 29 de Outubro na Villa do Cruzeiro, e interveio nas in-dicações que fizeram os Srs.ª vereadores: Tent.º Serrapiao Junior, e Francisco de Godoy Fleming. E o quanto posso des-crever e pôde V. S.ª fazer de minha res-posta o uso que lhe convier.

Cachoeira, 19 de Dezembro de 1878
Bento José Lavra

Ilm.º Sr. Bernardino Monteiro de Brito
Cachoeira, 6 de Dezembro de 1878
Amigo & Sr.

Senão-me necessario a bem de meus direitos que V. S.ª na qualidade de secretario da Camara do Cruzeiro, de-clara e responda-me aos itens seguintes: 1.º—Tristão Gonçalves Pereira, esteve ou não na sessão do dia 29 de Outubro do cor-rente anno na sala da Camara Municipal, em sua sessão ordinaria; 2.º—se ou não verdade que o mesmo Tristão G. P. depoi-s da aberta a sessão interveio na indica-ção feita pelos Vereadores Serrapiao, Jun-ior, e Godoy Fleming relativamente a uma questão originada pela falta do vereador Serrapiao Junior no termo do dia 7 de Ou-tubro do cor-rente anno. Dignando-se V. S.ª responder-me o pedido que faço peço-lhe concessão para fazer de sua resposta o uso que convier-me.

Son com estima
De V. S.ª
Am.º Obr.º Cr.º
João Rodrigues Corr.º

Ilm.º Sr. João Rodrigues Corr.º
Villa do Cruzeiro 18 de 10br.º de 1878.
Amigo & Sr.

E'm resposta ao seu pedido tenho a res-ponder-lhe o seguinte: 1.º—Que é exácto ter estado o Sr. Tristão Gonçalves Pereira, no dia 29 de Outubro do corrente anno, no Paço da Camara Municipal desta Villa, quando esta Camara trabalhava em sessão ordinaria.

2.º—Não vi o mesmo intervir de-vois de aberta a sessão ordinaria, e nem tomar parte o nas indicações apresenta-das pelos Vereadores T.º Serrapiao Junior, e Godoy Fleming visto que estava occu-pado com a abertura da acta daquelle sessão; só sim respondendo-lhe que vi o mesmo Senhor Tristão, no archivo da Ca-mara, ignorando o que fazia, visto que se achava conversando com os Vereadores.

Nada mais posso-lhe responder em té do verdade.

E' o quanto campo responder a V. S.ª

Son com estima e amiza-de. D. V. S.ª Amigo obrem.º
—Bernardino Monteiro de Brito—

Ilm.º Sr. Antonio Firme de Mello
Cachoeira 6 de Dezembro de 1878.
Amigo & Sr.

Primamente saudando-o a par da Exm. familia. Senão-me necessario abom de meus direitos, que V. S.ª na qualidade de Presidente da Camara do Cruzeiro, de-clara, e responda-me os itens seguintes, 1.º—se Tristão Gonçalves Pereira esteve ou não na sessão do dia 29 de Outubro do cor-rente anno, na sala da Camara d'esta Villa em sua sessão ordinaria. 2.º—se é on não verdade que o mesmo sr. Tristão G. P. depois de aberta a sessão interveio na in-dicações feitas pelo vereador Serrapiao Ju-nior, e Godoy Fleming, relativamente a uma questão originada pela falta do vereador Serrapiao Junior no termo do dia 7 de Ou-tubro do cor-rente anno. Dignando-se V. S.ª responder-me o pedido que faço peço-lhe concessão para fazer de sua resposta o uso que convier-me.

Son com estima
De V. S.ª
Am.º Obr.º Cr.º
João Rodrigues Corr.º

Am.º S.ª João Rodrigues Corr.º
Em resposta do que V. S.ª pe-di-me nesta sua estimada carta. Respon-do-lhe que o S.ª Tristão Gonçalves Per-eira citao que no dia 29 de Outubro es-teve na sala da Camara desta Villa do

(*) Respeitamos á redacção do author.
N. da R.

ruiz. Sei que esteve conversando com
S. Serapiao Junho lo S. Fleming inho
me lembra o santo da Conversa.
Villa do Cruz. 16 de 10br de 1878
O Seu Am. Ven. Cr. (*)
Am. Firmo d Mello

Sr Manoel S. de Seixas
Cachoeira, 19 de 10br de 1878.
Amigo e Sr
Rogo-lhe o favor
responder-me abaixo desta, se á verdade
que o secretario da Camara Municipal da
Villa do Cruzeiro, sr Bernardino Montei-
ro de Brito, indo a casa do Sr. S. se elle
nessa occasião revelou ou não que foi exacto
que o Sr Tristão G. Per. interveio
na sessão da camara, do dia 29 do mez
de Sbr do cor. anno, sobre a indicação
feita pelos vereadores Sirapiao Junior e
Gedoy Fleming.

Digne-se V. conceder-me autori-
zação para de sua resposta fazer o uso que
me convier.

Sou com mt. estima

D V. S.

Am. Obr. cr.

João Rodrigues Cor.

Illm. S.

Em resposta ao pedido supra e em
homagem á verdade, cumprimento dizer-
lhe: ~~em nossa casa a cria-~~
fira a quem Vm. se refere, isto é, o sr.
bernardino monteiro de brito, actual secre-
tario da C. do Cruzeiro, em epocha muito
anterior á de sua carta e que não posso
de momento precisar, e estando igualmente
em nossa casa o sr. Bento J. Lavra,
perante mim e esta sr., o dito sr. bernardo
afirmou que realmente o sr. Tristão Gon-
çalves Pereira havia assessorado aos
vereadores da Camara Municipal do Cru-
zeiro em sessão de 29 de Outubro do anno
passado, acrescentando mais que foram
da propria lavra do sr. Tristão G. Pe-
reira as indicações que n'essa sessão a-
presentaram os vereadores, srs. Francisco
José Gomes Serapiao Junior, e Francisco
de Góly Fleming.

Como pede, autorizo a Vm. a
fazer d'esta minha resposta o uso que
lhe convier.

Sou com particular estima

De Vm. am. obr.

Manoel Saturnino de Seixas.

Cachoeira, 29 de Janeiro de 1879.
Em vista do exposto, não haver exa-
beradamente provado que de facto houve
a intervenção indelicada do sr. Tristão Gon-
çalves Pereira no animo dos vereadores
srs. Serapiao Junior e Francisco de Gó-
ly Fleming.

Embora as respostas dos srs. Firmo de
Mello e Bernardino Monteiro estejam um
tanto ambíguas e capciosas, com tudo, dizem
alguma coisa definitiva o dous outros
cavalheiros que honram-me com as suas
respostas.

D'esta maneira creio ter satisfeito a opi-
nião sensata do publico e dos meus ami-
gos, a respeito da minha humilde «pessoa».
Creio finalmente que toda e qualquer con-
testação por parte dos srs. Tristão Pereira
e Tent. Serapiao Junior virão quebra-
se de encontro aos documentos exhibidos.

Cachoeira, 7 de Fevereiro de 1879.

João Rodrigues Correia.

S. ANTONIO DA CACHOEIRA.

E'a gratidão um dos mais
intuitivos e ao mesmo
tempo um dos mais nobres
sentimentos que po-
dem caracterizar a huma-
nidade. O coração que
não for illuminado por es-
se reflexo santo collocar-
se-ha abaixo do nivel do
coração da fera bravia,
que o experimenta, e será,
si não a viscera marmo-
rea que habita o interior
d'um sceptico, ao menos
uma fonte inutil de sen-
sações estereis.

E' assim que levados

Conservamos a orthographia do author.
N. da redacção.

pela mais viva e intima
gratidão, pedimos licença
aos distinctos e illustres
cavalheiros, srs. dr. An-
tonio Domingues de Sá, ha-
billissimo medico da visi-
nha cidade de Queluz e
Braulio Muniz Dias da
Cruz intelligente pharma-
ceutico residente n'esta
freguezia, para cordial-
mente agradecer-lhes os
valiosissimos serviços que,
como verdadeiros aposto-
los da medecina se dig-
naram prestar a meu filho
Carlos A. da Cunha, que
acommettido de uma rebel-
de miellyte, e ás portas da
morte, seria infelizmente
victima d'ella se não ti-
vesse tido a felicidade de
se acharem sempre á sua
cabeceira tão distinctos e
habeis facultativos.

Ao sr. Braulio Muniz
Dias da Cruz especialmen-
te muito agradecemos o vi-
vo interesse que tomou
pelo enfermo dês do co-
meço de sua enfermidade
até a convalescença.

Outro-sim prevalecemo-
nos da oportunidade para
agradecer igualmente
do fundo d'alma ás nobres e
exmas Familias e illustres
cavalheiros d'esta e ou-
tras localidades o favôr
que nos fizeram honrando-
nos com as suas visitas
e pondo á nossa disposição
os seus valiosos prestimos.

A todos finalmente, um
apêto de mão e um voto
de eterna gratidão.

4 de Fevereiro de 1879.

Victorino d' Almeida Cunha.

Anna A. de Magalhães Cunha.

Santo Antonio da Ca-
choeira.

No dia 1.º do corrente fomos agra-
davelmente sorprendidos com um
amistoso convite para uma festa
de familia. Tratava-se de dous
desposorios que deviam effectuar-
se n'aquelle dia.

A's 4 horas da tarde duas inge-
nuas donzellas, as exmas. sras. do-
na Maria Eulalia Vieira Maia e do-
na Perfeta Maria da Silva, eram
levadas ao templo acompanhadas
por grande numero de convidadas;
aquella ia unir-se em matrimonio
ao sr. Miguel Fernandes da Rocha
e esta ao sr. Antonio José do Arau-
jo Coutinho Sobrinho.

Celebrou o acto matrimonial o
Rmo. Vigario Padre Antonio C.
Ribeiro. Regressando os noivos e
convidados á casa do sr. Narcizo

Vieira Maia, digno pae da primei-
ra das nubentas,ahi lhes foi servido
um profuso jantar onde se reuniu a
nossa melhor sociedade. Foi extra-
ordinario o numero dos convivas,
bem como o entusiasmo de que
todos se possuiram.

E assim devia de ser, porquanto,
tanto o sr. Miguel como o seu ami-
go sr. Araujo são moços geralmen-
te bem quiatos e assás estimados
entre nós, pelas suas bellas quali-
dades.

Durante o jantar muitos e repiti-
dos brindes foram levantados, lejan-
tre elles lembramo-nos em primei-
ro logar do que foi levantado pelo
sr. Padre Antonio Caetano Ribeiro,
aos noivos e á sua presente e futu-
ra felicidade; do sr. Seixas em egual
sentido, ponderando que a felicida-
de dos desposados seria real, visto
como os tradicionais exemplos dos
seus progenitores seria o melhor
incentivo para elles desposados,
imitando-os, encontrarem a verda-
deira ventura; outro do sr. Padre
Antonio, que n'um pequeno mas
expressivo improviso disse que as
modernas descobertas—o vapor, o
telegrapho etc eram realmente pro-
duções admiraveis da intelligencia
em bem da humanidade, mas que
todos esses maravilhosos inventos
seriam nada sem o prodigioso con-
curso da Imprensa, essa mimosa
descoberta do immortal Guttemberg;
que, pois considera em primeiro
plano essa alevanca de Archimedes,
e assim sauda na pessoa do sr. Seixas
a imprensa local e independente.
Correspondendo ás animadoras
palavras de S. Rma. o sr. Seixas
disse que com o coração repleto de
prazer, sentia-se possuido de bem
entendida emulação diante d'a-
quellas bondosas palavras proferi-
das por S. Rma. e que para elle
respondente eram ellas verdadeiro
balsamo que a extrema benevo-
lencia de S. Rma. vinha depositar
nas chagas abertas pelas nrzas da
verdade do jornalista; abundou em
considerações sobre a materia, e con-
cluiu erguendo um brado de sau-
dação ao nosso bondoso Parocho sr.
Padre A. C. Ribeiro. Seguiu-se
outro brinde do sr. Seixas a seu
companheiro inseparavel de traba-
lho, a seu amigo leal e dedicado
o sr. Augusto Alves Moreira e á sua
exma. Familia que, embora bem
distante de nós, fôlgaria que a ella
fosse presente o lisongeiro concei-
to em que é tido aqui um dos seus
membros o sr. A. Alves Moreira.

Em resposta disse o sr. Augus-
to que não tinha expressões para po-
der manifestar plenamente o sen-
timento de gratidão de que se acha-
va possuido para com seu amigo
que, imerecidamente attribuia-lhe
tão bellas qualidades; que limita-
va-se a agradecer em seu nome e
no de sua familia a extrema indel-
gencia do seu amigo o sr. Seixas.

Ainda pelo sr. A. Moreira foi pro-
posto um brinde á exma. familia do
sr. J. P. Rocha: e q' sentindo-se in-
competente para bem exprimir as
excellentissimas qualidades que distin-
guem esta distincta e nobre fami-
lia, pedia a seu amigo sr. Seixas
para encarregar-se d'essa tarefa.
Fendo então tomado a palavra o
sr. Seixas satisfêz á honrosa in-
cumbencia que lhe fôra affecta, e
alongando-se, procurou patentear
as immensas virtudes que ornão
aquella modesta mas illustre e la-
boriosa familia. N'este interim
tendo comparecido o sr. Leão Brazil

e tomando a palavra saudou em
eloquente improviso e por meio de
uma bonita poesia,—a mulher da
actualidade, que não é mais uma
escrava, e remontando á idade me-
dia—disse que datam d'aquella
epocha as constantes victorias do
sexo fragil, trazendo bonitas cita-
ções em abono do seu argu-
mento. Concluiu dirigindo um ani-
mado brinde aos noivos. Em con-
tinuação saudou ainda em um
bonito discurso ao nosso sympathi-
co, recto e justiciero Subdelegado
de Policia sr. Claudino de A. Pal-
ma que, não estando presente, o
orador pedia ao sr. Seixas que
fosse o interprete dos seus senti-
mentos junto do sr. C. de Almei-
da Palma. Em resposta disse o sr.
Seixas que sentia immenso prazer
em encarregar-se de tão grato de-
ver, e mais ainda em testemunhar
a merecida justiça que o eloquente
orador vinha de fazer ao seu par-
ticular amigo sr. Claudino de A.
Palma.

Desenvolveu-se largamente em
considerações a politica geral,
onde provou á evidencia que a au-
toridade em questão, tornava-se rea-
lmente saliente entre os seus collega-
s de policia e concluiu saudando a
verdadeira intelligencia encarnada
no distincto orador que o precedeu,
sr. E. L. Brazil. Em seguida a
estas manifestações seguiu-se uma
soirée em casa do sr. José Dias,
tendo sempre reinado a maior har-
monia e ordem. Saudando aos nos-
sos amigos que acabam de unir-se
pelos laços matrimoniaes, assim co-
mo ás jovens desposadas, os felici-
tamos e desejamos-lhes uma per-
petua e enterminavel lua de mel.

Antes de terminar, faltaríamos
a um dever se deixassemos de agra-
decer aos distinctos noivos, e ao sr.
Narcizo e sua bondosa familia as
maneiras agradaveis e urbanas com
que se dignaram tratar-nos.

Cachoeira, 6 de Fevereiro 79.

Um convidado.

Mofina.

(Ao sr. Mofineiro do Commercio licito)

Uma vez que o zeloso commercio
licito da Cachoeira chama a atten-
ção da Camara de Lorena, denun-
ciando allusivamente algum ou al-
guns individuos que julga o com-
mercio que vende generos sem li-
cença, é bom, é mesmo convenien-
tissimo que o sr. Fiscal da terra
fique orientado tambem que algum
filizardo tem por costume ajuntar
agua da fonte á agua ardente,
aumentando-lhe assim o volume mas
diminuindo-lhe o peso. Assim mais é
bom que se saiba que algum nego-
ciante que facta-se de pagar licen-
ça tem por habito friccionar o tou-
cinho com gemma d'ovo; por que
temos realmente visto vender-se tou-
cinho tão novinho que tem a cor
anarellada. E por que acontecerá
semelhante estrago no toucinho que
assim se vende? Naturalmente por
que é muito demorado na Estação
onde paga-se de bom grado as ar-
mazenas resultantes do longo do-
posito. Quem pagaria?

Responda-nos o commercio licito.
Cachoeira, 7 de Fevereiro de 1879.

O negociante de nova especie.

Typ. do Echo Municipal. Cachoeira